



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

Onde a porca torce o rabo



(Musica da «Ginja com tal virtude»)

Pois porca com tantos rabos
E' difficil de encontrar...



PALESTRA AMENA

A imprensa

Terminou a paralisação dos electricos (ainda nos parece um sonho!) e discute-se ainda de que lado estava a razão, visto que havia duas entidades interessadas no caso, em desacôrdo: a Camara Municipal e a Companhia dos electricos. Parece que havia outra, que era o povo, mas essa não tem importancia de maior. Ficaram, pois, duas a degladiar-se, a puxar uma para a direita e outra para a esquerda, o que a imprensa relatava diariamente, clamando que era absolutamente necessario que chegassem com urgencia a um entendimento. Agora, liquidado o assunto, reúnem os vereadores e atacam a imprensa, pelas vozes dos srs. Paiva e Pona, Manuel Martinho, Cesar dos Santos, Simões Torres, Lino da Silva e Marques dos Santos.

Estes senhores acham que a imprensa de Lisboa foi muito má, que nada vale, que não representa a opinião publica, etc., pelo que varias penas que trabalham na dita imprensa propõem que se fixem os nomes de tais cavalheiros, a fim de que os jornais nunca mais d'elles se ocupem.

Não citaram este ou aquele periodico; falaram na generalidade, mas queremos supôr que tambem o «Seculo Comico» foi compreendido nas apreciações, e é aí que nos doe, porque representam uma grande injustiça. Esta folha é, por necessidades que todos conhecem, de pequenas dimensões por enquanto; mas quando, tarde ou cedo, voltar a ser do primitivo tamanho, aqui prometemos que não regatearemos elogios á vereação actual, quer lhe desagradem quer não. E não os regatearemos porque nos sobram razões para isso. Ora, vejamos:

Não tem Lisboa uma iluminação que desbanca todas as capitais do mundo? Não tem as ruas n'um estado de asseio assombroso? Não são os predios lisboetas modelos de estetica? Não se respeita a arborização, como se tem visto, por exemplo no Rocio? Não gosa o transeunte, que queira ir pelos passeios das ruas, da maxima comodidade, nunca sofrendo o contacto das gigas das varinas? Não é o pavimento das calçadas suavissimo? Não é pelouro dos incendios uma maravilha, aparecendo a agua a tempo e a horas... de arder o predio todo? Não são os tapetes sacudidos das janelas, sobre os transeuntes, a toda a hora do dia, com a maior delicadeza? Não fermenta demoradamente e encantadoramente o lixo nos caixotes, e fóra d'elles? Não são um encanto para a pituitaria, verdadeiros prodigios de hygiene, os varios mercados, em especial, o do peixe, na Ribeira Nova.

Basta: não nos chegaria toda a folha, nem dez folhas mais, para enumerarmos todas as belezas que devemos á Camara Municipal de Lisboa. Apregoal-as-hemos, ainda que ofendamos a mo-

destia da illustre edis e embora saibamos que, na verdade, não representamos a opinião publica. Representamos a nossa e isso nos basta para satisfação da propria consciencia e para que se saiba que, quando o povo disser, como se farta de dizer, que tem vereações idiotas, alguém existe que as defende com unhas e dentes.

J. Neutral.

Grèves surdas

A ultima moda em «grèves», agora preconizada por alguns ferro-viarios, é a «grève» surda, a qual consiste, segundo nos informa amavelmente um «reporter», na pouca atenção ao serviço, envio errado de «vagens» para as diversas linhas, pesagens falsas, etc.

O leitor quer mandar, por exemplo, uma remessa para Caxarias: na estação do caminho de ferro expedem-a Runa. O leitor tem 100 quilos de bagagem, com direito a 60 gratuitos; paga



200. O leitor quer ir ao Porto e compra bilhete: vendem-l'h'o para Torres Vedras...

Agora, generalisemos, visto que os bons exemplos pegam que é um regalo. Os sapateiros decretam a «grève» surda: manda um parceiro fazer um par de botas — fazem-lhe um par de ferraduras. Os merceiros: manda-se a criada buscar meio quilo de mas-a, volta com cem gramas de colorau...

Ora agora é que sabemos qual é o assunto d'um livro que temos visto ultimamente muito anunciado, e que nunca lemos, por não termos nada com as vidas alheias: «Infelizmente louca». Refere-se, evidentemente, ao estado mental da nossa gente, a principiar no alto até ás partes baixas. «Doida não?!» doida sim, e furiosa!

Bagatelas

O Tribunal da Haia, perante o qual os governos francêes e inglês haviam reclamado 10:000 contos de indenisação pela confiscação dos bens das congregações religiosas, impuzeram-nos apenas 500 contos, pelo que vai por aí uma grande e justificada alegria.

Efectivamente, para quem nada em dinheiro, como nós, 500 contos é uma insignificancia.

— Em ouro?! perguntará o leitor, astustado.

Qual! Em papel portuguez, o que reduz a indenisação a uma quantia verdadeiramente irrisoria: anda aí por uns dez mil réis—moeda antiga.

Sciencias espanholas

Não se pode fazer idéa do numero de favores que devemos aos nossos visinhos espanhòes! Imaginem que n'uma entrevista com o director da estação telegrafica central de Madrid declarasse que os telegrafistas espanhòes poderiam vir ensinar os seus colegas portuguezes a trabalhar com certo aparelho da especialidade—tão difficil de ma-



nusear que aqui qualquer aspirante de minima classe trabalha com ele desembaraçadamente.

Não, «caballeros», em nada podeis ser nossos mestres. Até a sciencia dos «carteiristas», de que Espanha teve o exclusivo durante longos anos, já entre nós floresce brillantemente como se fosse de origem indigena.

Metam os seus conhecimentos no baú.

Um «gesto»

Noticiando a exoneração do sr. commissario dos abastecimentos, diz um jornal que ele «se isolara do governo havia já alguns dias e o sr. presidente do ministerio teve conhecimento do gesto do sr. Alvaro de Lacerda ás 17 horas do dia 30».

Ora até que emfim vemos empregado o termo «gesto» no seu verdadeiro sentido, isto é, no sentido franciscano!

Emfim!

Ora até que emfim os integralistas teem quem os governe! E' o menino Duarte Nuno, filho do sr. Miguel de Bragança, bem conhecido pelas suas idéas miguelistas. Dizem-nos que o pequeno, ao saber que tinha sido escolhido para empunhar o sceptro dos seus



maiores, ficou tão satisfeito que não se pôde conter e... fez «chichi» nas calcinhas.

Peor fez um proximo parente d'ele quando ouviu os primeiros tiros da revolução de 5 de outubro e mais já era um homemsinho.

Aquilo enxuga-se.



JUca & ZEca

Querido amigo e sr. director do Seculo Comico.

Fizemos ha poucos anos, como é sabido, as delicias da pequenada, desde Mergão ao Cabo de Santa Maria, e quicá ilhas adjacentes e provincias ultramarinas. As nossas aventuras correram mundo, foram exploradas nos teatros, nos animatografos, etc., e as nossas figuras imortalizadas pelo lapis, até o chegaram a ser pela escultura.

Segundo as leis da natureza, porém, crescemos, e ao contrario do «cresce e aparece» crescemos... e desaparecemos, por que parecia mal que dois homens, como já hoje somos, continuassem a brincar e a fazer «partidas», desculpaveis — em crianças mas não em adultos. Também se fizeram grandes os pequenos que tinhamos deliciado; mas os que n'esse tempo eram de mama ou ainda não haviam nascido, ouvindo depois aos mais velhos as narrativas maravilhosas das nossas aventuras desesperavam-se por não nos terem conhecido. Chegou-nos aos ouvidos o éo d'esse desespero e então lembramo-nos de que temos dois primos, brasileiros de origem, o «Juca» e o «Zeca», que hoje contam a idade que nós contávamos quando eramos endiabrados e, porque na nossa familia só ha pessoas engraçadas, são dotados do mesmo chiste e do mesmo espirito inventivo que nos celebrizaram.

Damos, pois, a alternativa ao «Juca» e ao «Zeca», que no «Seculo», edição da noite, farão o diabo a quatro e fazemos votos por que obtenham o estrondoso «sucesso» que obtivemos e que hoje, na idade da madureza, é um saudoso linitivo para os desenganos com que topamos pela vida fóra.

Amigos e antigos colaboradores muito gratos

Quim e Manecas.

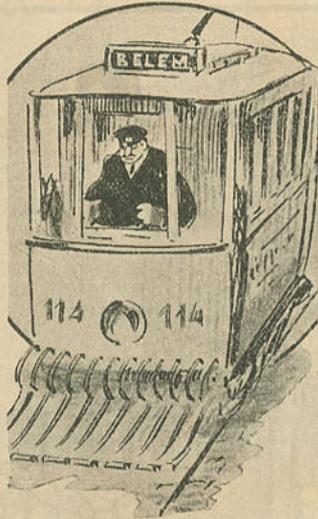
Assaltos na provincia

Em seguida ao saque das mercearias e outros estabelecimentos de Coimbra, telegramas para Lisboa disseram que na Figueira da Foz também se haviam dado assaltos — o que foi imediatamente desmentido pelas auctoridades.

Pois estão muito mal informadas essas auctoridades, porque os telegramas eram verdadeirissimos — apenas, os assaltos n'esta ultima cidade não foram ás lojas. Deram-se e continuam a dar-se... á bolsa dos pobres banhistas, hospedes obrigados pela necessidade, a quem os generos são vendidos pelo dobro do custo em Lisboa, não falando nos que são vendidos pelo decuplo, como a manteiga e o açucar...

Uma ideia: e se os banhistas, que não são menos do que os carroceiros, os dos transportes marítimos, etc., fizessem gréve e não voltassem ás praias em que se exercem tais explorações, senão passados anos, quando os naturais se convencessem de que não é de

EM FOCO



O carro electrico

E' certo, finalmente?! Não é mito?
Não é névoa, fantasma, sombra ou nada?
Terei, acaso, a vista embaciada?
Descreio do que vejo ou acredito?

E' monte, é meteoro, é monolito,
Baleia, cachalote, peixe-espada?
Pesadêlo, de noite mal passada?
E' f-f-f-ro, bronze ou pau e bem bonito?

— E' carro e carro electrico! assegura
E teima, embriagado, um viandante,
Uma inocente e ingénua criatura

E eu digo que se engana, terminante...
Não quero, com a força da ventura
Morrer d'apoplexia fulminante.

BELMIRO

cente procurar ganhar em 3 mezes o que nas outras povoações se ganham em 12? Sem banhos de mar toda a gente pode passar dois ou tres anos. Valem?

A los toros!

Agora é que nos parece que estão resolvidos os vários problemas que nos apoquentam.

Ora leiam esta informação dos jornais sérios: «Esteve hontem conferenciando com o chefe do governo o sr. Palha Blanco».

Blanco é, galinha o põe. Poderíamos fazer espirito com o caso, dizendo, por



exemplo, que o governo recorria á... palha, para abastecer o mercado; preferimos, porém, falar com siseudez e dizer que, sendo o sr. Palha Blanco um creador de touros, o chefe do governo julga chegada a oportunidade de dar ao povo os «circenses», com que os imperadores romanos costumavam satisfazer o povo. E' verdade que também lhe davam «panis», mas isso é o menos — e para cá, desnecessario, porque pão temos nós e com vidro, que é um regalo.

LOGARES SELECTOS

O moleiro e o carvoeiro

Um moleiro

E um carvoeiro

Travaram-se de razões:

Era um da cor da neve.

Outro da cor dos carvões.

Cada um d'eles teimava

Que o outro mais sujo estava;

Tinham ambos a mão leve.

Chovem os bofetões,

E qual foi o resultado?

Um ao outro se sujou.

Pois ficou

O carvoeiro

Empoado

E o moleiro

Enfarruscado

Assim fazem as comadres,

Se começam a ralhar:

Assim fazem os compadres

Se a politica os separa:

Cada qual sem se limpar

Consegue o outro sujar:

Nem é isso coisa rara.

De H. O'Neill.

Barateamento

Nos Estados Unidos é que se pode viver. Diz o correspondente do «Times» em Nova-York que alguns artigos, como a lã, a seda, o coiro, e — por consequencia — o vestuario e o calçado, sofreram enormes reduções.

Ponham ali os olhos os nossos coiros e digam-nos se não tem vergonha de estar cada vez mais caros!

Apoteose aos vencedores!



Que é isto?
Pois é o cortejo de homenagem a um sujeito que arranjou 250 gramas de assucre.